

PROGRAMA  
HISTÓRIA  
ORAL

---

DESEMBARGADOR  
GEORGE LOPES LEITE



## ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DESEMBARGADOR GEORGE LOPES LEITE AO PROGRAMA HISTÓRIA ORAL DO TJDFT

**G**eorge Lopes Leite nasceu em Mossoró/RN, em 8 de fevereiro de 1951, filho de José Leite e de Maria de Lourdes Lopes, casado e pai de três filhos. Exerceu o cargo de Procurador do Distrito Federal da 2ª Categoria, em 1988. No dia 29/8/1988, toma posse no cargo de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), por meio da aprovação no XIV Concurso (1987-1988). A promoção para o cargo de Juiz de Direito ocorreu no dia 5/10/1992. Promovido por antiguidade a Desembargador do TJDFT em 26/10/2006. Foi designado Diretor-Geral da Escola de Administração Judiciária em 4/5/2012. Participou de muitos eventos na área da magistratura, a saber: I Simpósio Nacional sobre Execuções Penais e Privatização dos Presídios, Joinville (SC), 1993; I Congresso Nacional de Execução da Pena, Fortaleza (CE), 24 a 26/9/1997; I Encontro Nacional de

Execução Penal, Belém (PA), 1998; II Encontro Nacional de Execução Penal, Belém (PA), 1999; III Encontro Nacional de Execução Penal, Belém (PA), 28 a 30/11/2000; XVIII Congresso Brasileiro de Magistrados, Salvador (BA), 22 a 25/10/2003. Recebeu os seguintes títulos: outorgado com a Comenda da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios no Grau de Comendador, em 2000; com a Comenda da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios, no Grau de Grã-Cruz, em 2006; Promovido ao grau "Grão-Colar" pelo Conselho Tutelar da Comenda da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios, em 2010. Foi homenageado pela Escola Superior da Magistratura do Estado de Mato Grosso, com a "Medalha de Mérito Acadêmico da ESMAGIS-MT Professor Desembargador Mauro José Pereira", em 27/02/2015.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Bom, desembargador George Lopes Leite. Essa nossa conversa aqui, minha e do desembargador Antoninho Lopes com Vossa Excelência hoje faz parte do projeto Memória do nosso Tribunal. Um projeto muito bacana, muito bonito, que tem por finalidade entrevistar personalidades ilustres, seja da Justiça do Distrito Federal, da advocacia, do Ministério Público. Personagens que compõem tudo isso que nós chamamos de justiça do Distrito Federal.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Então eu posso lhe entrevistar também.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Vai chegar o meu dia, eu espero, não é? Mas por ora, nós estamos aqui, acho que posso falar também nesse ponto pelo nosso querido amigo, colega Antoninho Lopes, estamos nos sentidos privilegiados de termos tido a honra do convite feito pela desembargadora Carmelita, nossa Primeira Vice-Presidente do Tribunal, de sermos os entrevistadores desse ser humano tão especial que é o desembargador George Lopes Leite. Então, vamos conversando aqui como se estivéssemos na sala de lanches contando as coisas da sua vida, que se confunde quase com a justiça do DF. Vamos conversando sem maiores formalidades. Se Vossa Excelência nos permitir, é a última vez que eu o chamo de Vossa Excelência.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Por favor.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Então pronto. George, você nasceu em Mossoró, não foi?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Mossoró, Rio Grande do Norte, em 8 de fevereiro de 1951.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Muitos irmãos?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Dez. Quer dizer, 10 incluindo a mim. Então nós éramos 10 filhos.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Todos seguiram a área do Direito.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Não. Eu fui o primeiro. Depois duas irmãs também seguiram essa carreira.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Mas, quem veio para Brasília foi só você ou veio mais...

### **Desembargador George Lopes Leite**

Não. Primeiro veio a minha irmã um pouco mais velha que trabalhava, é... que era casada com um contador da Auto-viação São Sebastião. Ela que veio pela primeira vez. E depois, em um ano, um ano e meio, eu vim também tentar realizar meus sonhos aqui em Brasília.

---

1 Desembargadora Carmelita Brasil, Primeira Vice-Presidente do TJDF no biênio de 2014-2016.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Você já chegou aqui casado?

**Desembargador George Lopes Leite**

Não, não. Cheguei aqui com 22 anos e me casei 3 anos depois. Cheguei em 1972. Fevereiro de 1972.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

E aqui em Brasília você encontrou aquela luz que é a sua esposa Jacira.

**Desembargador George Lopes Leite**

Aqui encontrei Jacira, 3 anos depois. Trabalhou junto comigo e depois nunca mais conseguimos nos separar e vivemos até hoje, graças a Deus, muito bem.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Os teus meninos nasceram aqui?

**Desembargador George Lopes Leite**

Meus três filhos nasceram aqui. E quatro netos.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Mas o que o atraiu para Brasília não foi concurso na área jurídica, não foi... Foi tentar a sorte aqui em Brasília?

**Desembargador George Lopes Leite**

Não, não, não. Eu saí de Mossoró com 22 anos de idade, cheio de dúvidas, cheio de expectativas. Eu não sabia, afinal de

contas, o que eu queria ser da vida. Sabia que não queria mais ficar em Mossoró, porque é uma cidade limitada. Nós só tínhamos uma faculdade de Agronomia, Economia, Filosofia... e eu não me sentia atraído por nenhuma destas carreiras. Conclui o curso colegial no Colégio Diocesano. O ginásial e o colegial no Colégio Diocesano. Estava com muita vontade de vencer na vida, mas não sabia direito... só não queria ser engenheiro agrônomo, nem economista e nem filósofo, não é? Então por isso eu vim para Brasília em busca de outras expectativas, mas ainda sem nenhum projeto definido. Nunca tinha trabalhado antes, não é? O primeiro emprego que eu tive foi como auxiliar de escritório numa empresa de transporte coletivo, que era de um conterrâneo do Rio Grande do Norte – Francisco de Oliveira Rocha – e que empregava todas as pessoas provenientes de sua região de origem e me deu a primeira chance, não é? Trabalhei lá durante quase 3 anos, não é? Aprendi muito sobre serviço de pessoal, de formas que quando eu fui concorrer ao vestibular na UnB eu trabalhava como auxiliar de serviço de pessoal e achei que a coisa mais razoável para cursar seria Administração de Empresas. Fiz vestibular para Administração e passei. Estudei ainda um semestre, não é? Mas ao fim desse semestre, meu patrão me chamou: “George, gosto muito de você, admiro muito o seu esforço, o seu trabalho, mas eu preciso de um chefe de pessoal, uma pessoa que fique aqui e que dê o expediente integral. E você estudando todas as manhãs. Não tem jeito.” E naquela época a UnB só tinha curso pela manhã. Então ele disse: “Você tranca a sua matrícula que eu vou tentar conseguir uma transferência para você”. Para o Ceub<sup>2</sup>,

---

2 Atualmente UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

que tinha sido recém inaugurado. Já tinha uns três anos de funcionamento. Ele fazia. Ele cursava Direito, não é? E disse: “Eu vou tentar conseguir. Eu tenho alguns amigos lá no Ceub e vou tentar conseguir a sua transferência”. E ele, afetivamente cumpriu o prometido. Só que só tinha vagas para Direito porque naquela época você podia fazer a migração das ciências humanas, ciências exatas, e ciências da saúde, que você podia trocar de um campo para outro. Então eu deixei Administração e me matriculei no primeiro semestre de Direito, no Ceub, passando a estudar a noite, não é? Pegava três ônibus. Naquela época não tinha transporte integrado. Eu morava em Taguatinga Norte. De tarde eu pegava um ônibus de Taguatinga Norte para Taguatinga Centro, da empresa aonde eu trabalhava, a Auto-viação São Sebastião. De lá pegava ônibus da Viação Pioneira para a rodoviária, que era outra linha. E da rodoviária para a asa norte eu pegava um ônibus da TCB. Três companhias de ônibus diferentes.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Que dificuldade, não é?

### **Desembargador George Lopes Leite**

É uma dificuldade. Evidentemente muito cansaço também, não é? Depois de um dia exaustivo de trabalho, você ainda agüentar aula até 10h40, 10h50 da noite. Muitas vezes dormi e fui acordado pelo professor puxando pela orelha: “O senhor veio aqui para dormir, ou pra...?”, não é? Mas enfim, foi um período muito sacrificante da minha vida, mas que a gente conseguiu concluir. Até o sexto semestre eu diria que não sabia se era aquilo mesmo que eu ia me realizar, não é?

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Formou-se em que ano?

### **Desembargador George Lopes Leite**

1977, com colação de grau em março de 1978.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E aí começou a advogar?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Não. Em 1976 eu fui convidado por um grande advogado de Brasília chamado Dr. Antônio Carlos Elizau-de Osório. Um belíssimo escritório no Edifício Sônia, ali no Setor Comercial Sul, no 3º andar. E o Doutor Osório foi uma das grandes referências da minha vida. Eu trabalhava em uma empresa de turismo nesta época, Presmic Turismo. Mas o Dr. Osório prestava assistência jurídica à Viação Alvorada, que tinha sido a sucessora da São Sebastião. E por intermédio do meu cunhado, Hélio Paula, não é... que trabalhava ainda como contador desta firma, ele sugeriu meu nome ao Dr. Osório, o Dr. Osório me convidou para trabalhar como estagiário. E foi aí então que, realmente, se me descortinou o panorama do Direito, não é? Me apaixonei depois de trabalhar. Ele tinha uma belíssima biblioteca. Aliás é a maior biblioteca que eu conheci, não é? Biblioteca privada. Tinha livros de todos os tipos, de filosofia... Ele era uma pessoa muito culta, intelectualmente muito preparada, e me deixava à vontade. Fechava o escritório... às vezes eu ficava ali dentro lendo aqueles livros, maravilhado com aquela literatura, não é? Dos clássicos, de filosofia do Direito... Me surpreendi também, digo que

- 
- 3 Apontado como primeiro advogado a se estabelecer em Brasília em 1957, foi presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Distrito Federal, entre os anos 1969 e 1971.

foi uma referência, porque ele demonstrou, foi a primeira pessoa que me demonstrou o que é o sentido da humildade intelectual.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Ele não foi presidente da OAB?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Foi. Foi presidente da OAB. A OAB dele era o número 7. Na verdade ele foi legitimamente o primeiro advogado a chegar aqui em Brasília, ainda nos idos de 1958. Tinha escritório lá no Núcleo Bandeirante. Mas naquela época não havia seccional da OAB aqui em Brasília. Então, ele chegou primeiro e depois chegaram alguns outros advogados. Um grupo de trinta ou quarenta advogados que resolveram criar subsecção. E aí então se discutiu até quem seria o primeiro advogado. Quem teria a inscrição número 1. E para evitar maiores discussões, resolveram que cada um botaria um número dentro de uma urna e cada um puxava. O número que coubesse... Quando que ele puxou lhe coube o número 7. Então é uma coisa muito interessante. Então, embora ele tenha sido o primeiro advogado efetivamente a instalar um escritório de advocacia, a inscrição dele é a número 7 porque foi feita por um sorteio, não é? Aquele grupo de advogados, não é? Pioneiros que fizeram essa seleção por meio de um número no papel.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Mas você começou a advogar com ele então? Mas não advogou com ele o tempo inteiro...

### **Desembargador George Lopes Leite**

Cinco anos. De 78 até 82 ou 83.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E depois saiu...

### **Desembargador George Lopes Leite**

Eu sai, a convite de um colega, para abrir um escritório, primeiro no Brasília Rádio Center, na área trabalhista. E, posteriormente, no Venâncio 2000, 2º andar. Então, ali fiquei algum tempo, não é? Na verdade, eu trabalhei 12 anos da advocacia e não queria outra coisa além da advocacia.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Mas aí resolveu fazer concurso. Fez dois.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Foi (risos).

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Um para Procurador do Distrito Federal e outro para Juiz de Direito Substituto. O de Procurador acabou primeiro.

### **Desembargador George Lopes Leite**

É. Os dois, na verdade, caminharam paralelamente. Só que a primeira convocação que surgiu para tomar posse, a do GDF.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E você foi?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Eu fui. Passei três meses. Junho, julho e agosto. Saí e entrei no Tribunal no dia 22 de agosto.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Lembra de algum colega seu do concurso de Procurador?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Ah sim, sim. O Roriz. Eduardo Sá Roriz<sup>4</sup>. O Luiz Filipe Ribeiro Coelho<sup>5</sup>, também, que depois foi presidente da OAB. O Carlos Mário Veloso.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

O filho, não é? Para a posteridade que esta entrevista vai ser vista pelos séculos e séculos, você está se referindo ao Dr. Carlos Mário da Silva Veloso Filho.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Filho. Filho do Ministro<sup>6</sup>.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Doutora Dolores Serra<sup>7</sup>.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Dolores Serra, que depois casou com o Doutor Marcelo.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Filho do desembargador que dá nome à nossa biblioteca. Como é que é o nome?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Desembargador Mello Martins<sup>8</sup>. Exatamente.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Turma boa.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Era uma turma boa. Luiz Carlos Alvim Dusi<sup>9</sup>. Eu passei naquele concurso, eu fiquei em quinto lugar. Junto com estas feras, então, foi uma grande façanha e inesperada. Porque eu nunca fui muito estudioso, de me trancar em um quarto e ficar abstraído dos problemas do mundo. Eu sempre fui muito...

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E já tinha filhos nesta época.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Dois filhos. Na verdade, quando eu tomei posse, o mais jovem tinha uns quatro, cinco meses. O Felipe. Ele já tinha uns quatro meses.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E o que foi que o animou a fazer concurso para Juiz?

---

4 Advogado Luiz Eduardo Sá Roriz, OAB/DF.

5 Advogado Luiz Filipe Ribeiro Coelho, OAB/DF.

6 Ministro Carlos Mário da Silva Velloso, ministro do Supremo Tribunal Federal, aposentou-se em 19/1/2006.

7 Procuradora do MPDFT, Dra. Maria Dolores Serra de Mello Martins

---

8 Desembargador Antônio Mello Martins.

9 Advogado Luiz Carlos Alvim Dusi, OAB/DF.

### Desembargador George Lopes Leite

Bem, essa é uma história muito emocional. Foi uma mudança do prumo da minha vida. Porque eu nunca quis ser mais do que um advogado. E eu tinha uma veneração assim, muito grande, pela magistratura. Sempre fui um advogado destes que – acostumei-me a – juiz caminhando nos corredores, se eu estivesse sentado, eu levantava à sua passagem. E na ora que eu entrava na sala de audiência também, nunca deixei de reverenciar. Mas sempre achei que o Juiz era um cidadão acima do normal. Só faltava levitar. Para mim era quase a imagem de um santo. E eu não me julgava capaz de exercer uma função daquela. Admirava, não é? Tinha grandes juízes aqui que eu tinha uma verdadeira admiração, sincera admiração, não é? Queiroga<sup>10</sup>, Desembargadora Carmelita era juíza também naquela época. Desembargador Getúlio Moraes de Oliveira. Sempre eu achava aquelas figuras sempre austeras, sinceras, não é? Incapazes de ter um rompante de raiva. Sempre muito calmo, conduzindo as audiências. Eu achava muito bonito aquilo e achava que eu não serviria nunca para ser juiz. Tinha muita veneração pela magistratura, mas nenhuma pretensão. Isso só aconteceu porque, é... são fatos que às vezes... acho que a nossa vida, uma parte é predestinação. Uma parte a gente faz o nosso próprio destino. Mas outra parte depende das áleas da vida. A roda da fortuna ora está de um jeito, ora está do outro e vai nos direcionando. Como na ora que eu fiz

---

10 Desembargador Deocleciano Elias de Queiroga.

meu vestibular. Eu fiz para Administração. E de repente dei uma guinada para o Direito, não é? E fiz os três primeiros semestres absolutamente sem nenhuma empolgação. Só fui despertar para o Direito realmente quando estava cursando o 6º semestre. Então a nossa vida é assim, é cheia de descobertas, cheia de coisas surpreendentes, que às vezes nos faz mudar, não é? Por exemplo, eu nunca quis ser juiz criminal, não é? Minha área. Eu nunca quis ser juiz, para começo de conversa. E como juiz eu sempre imaginei que eu deveria estar na área cível, na área da fazenda pública, cuidando do meio ambiente, cuidando de ação dos loteamentos, estas questões sempre me empolgaram, não é? E era isso que eu queria. Quando eu resolvi fazer o concurso de juiz eu pensava em ser juiz da vara de Fazenda Pública.

### Desembargador Arnaldo Camanho

Pois é, mas teve algum fato que o motivou?

### Desembargador George Lopes Leite

O fato é o seguinte. Eu acho que eu sou o único, talvez, Juiz brasileiro que já teve mandado de prisão preventiva expedido contra si, contra advogado, não é? É... isso marcou a minha vida, depois de doze anos de advocacia resolvi fazer uma advocacia de caridade a um ex-empregado meu, que era um caseiro de uma chácara que eu tinha na Ponte Alta do Gama, e que me ajudou a plantar minhas mangueiras, meus abacateiros. Depois de dois anos esse rapaz saiu, foi trabalhar na EMBRAPA e um ano e meio depois que ele tinha saído ele se envolveu em um caso de amor mal resolvido com uma mulher separada com três filhos. E ele foi acusado, bem isso foi em um mês de agosto, destes  
característicos



do cerrados – essa mulher morava lá na Ponte Alta mesmo, em um barraco de pau a pique com cobertura de palha seca. Isso aconteceu em agosto. Dizem as testemunhas que estava em um boteco bebendo, não é? E saiu às 5 horas, 5h30 para ir para casa. Passou no meio do caminho. A acusação é que ele tinha parado na casa e tocado fogo em um milharal seco e o fogo se alastrou inesperadamente. Foi na direção do barraco. Havia três crianças dentro deste barraco. As duas crianças mais velhas, de oito e dez anos conseguiram sair, mas morreu uma criança de 3 ou 4 anos de idade. Estava dentro do berço e não conseguiu. E ele foi acusado de incêndio criminoso. Incêndio seguido de morte. E por conta disto ele ia ser preso. E eu o conhecia, eu achava que era um rapaz calmo, tranquilo, jurava inocência. E o pai dele, não tendo a quem recorrer, foi me procurar em um dia de domingo, na minha chácara, pedindo que eu fizesse a defesa. E eu ainda disse: “Eu não posso, porque eu não entendo nada de Direito Penal. Minha área é toda na área cível, na área de responsabilidade civil.”

### **Desembargador Arnoldo Camanho**

Você já era advogado nesta época?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Era advogado há 12 anos. Nunca tinha entrado em uma delegacia, a não ser para pegar uma certidão de nada consta para fazer licenciamento de veículo adquirido, uns veículos de segunda mão. Fora disso, nunca tinha ido. Aliás fui advogado também do sindicato dos trabalhadores em transportes rodoviários de Brasília, não é? E fazia também defesas criminais, mas na área de acidente de trânsito, delitos culposos, não é? Nunca tinha entrado em uma delegacia a não ser para pegar certidão. Então eu disse que não podia assumir o patrocínio da causa por-

que não tinha conhecimento necessário para isso. Mas ele insistiu, chorou na minha frente. Pediu “pelo amor de Deus, me ajude, que não tenho mais ninguém a quem recorrer!”. E eu disse: “Tá, eu vou dar uma olhada”. E foi nessa história de dar uma olhada nesse processo... Quando eu não sabia direito o que fazer... ele tinha sido preso, por um decreto de prisão preventiva. Eu pedi a um amigo meu que tinha sido delegado e tinha se aposentado e abriu um escritório de Direito Criminal, pedi a este amigo, doutor Elson Crisóstomo, que me ajudasse naquilo ali, alinhavasse umas razões para requerer o relaxamento de prisão. E ele o fez com muita lhanza. E me passou o rascunho em um papel timbrado do escritório dele onde tinha o nome dele e o nome de um segundo advogado que eu não me lembro mais qual era o nome. E eu disse: “eu posso dar entrada nisso aqui mesmo?” Ele: “Você pode assinar e dar entrada, não tem problema.” Um pedido de relaxamento de prisão. Bem, não preciso dizer que o relaxamento de prisão não foi concedido e o processo se arrastou durante muito tempo, não é? Demorou mais do que o necessário, quando estando o réu preso. Depois completou os 84 dias, que era a jurisprudência da época, de prisão, sem ter nem sequer iniciado a instrução, eu entrei com habeas corpus, o Tribunal negou por 2 x 1. Depois passou mas 30 ou 40 dias eu entrei com um segundo habeas corpus também por excesso de prazo, e foi denegado. Então o processo caminhou assim dessa maneira. Um processo muito complicado, muitas testemunhas para serem ouvidas. Demorou acho que 6 meses para chegar aos “finalmente”, não é? “Venham as alegações finais”. O promotor fez as alegações finais e eu peguei um processo para fazer as alegações finais da defesa. Naquela época eu tinha um escritório no Edifício Casa de São Paulo, Sala 1203,

que eu alugava do doutor Reginaldo Oscar de Castro, que também era o meu chefe na Caesb<sup>11</sup>. Ele era o consultor jurídico da Caesb, o Procurador-Chefe da Caesb, e eu era advogado na Caesb nessa época – quatro anos. Quando, estando no Edifício Casa de São Paulo, todas as manhãs eu fazia os mesmo trajeto. Ia para o meu escritório, até 9 horas. Às 9 horas eu entrava na Galeria dos Estados e ia por baixo ali até chegar à Caesb, ali, ao lado das Lojas Americanas, no Setor Comercial Sul. Bem, nesse dia, que eu preparei as alegações finais deste processo eu parei em uma banca de jornal chamada Agenda, de um sujeito chamado Alexandre da Cruz, e vi uma manchete que me interessava. Uma causa que estava me dando muito trabalho, que era a despoluição do Lago Paranoá. Então tinha lá uma manchete relativa a esta causa e eu parei para comprar o jornal. E quando eu paguei o jornal saí dali e esqueci o processo em cima desta banca do jornal. Processo em que o réu estava preso há 156 dias. Bem, naquele dia eu ia deixar o processo para ser concluso para sentença. Infelizmente eu perdi este processo. Perdi o processo. Quer dizer, eu não sabia que tinha deixado nesta banca. Fui até o Gama entregar este processo. Cheguei ao Gama e descobri que o processo não estava junto com os outros. Imaginei que estivesse esquecido na Caesb ou no escritório. Mas procurei e não tinha nada. O resultado é que, depois de três dias angustiosos, onde procurei este processo em todos os lugares aonde eu passei, a minha

---

11 Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal – CAESB.

decepção foi grande, nem tendo idéia de como tinha desaparecido este processo. Então naquele meu desespero... lá na Caesb os colegas todos sabiam do que tinha acontecido, o doutor Reginaldo disse “Mas George, isso aí é o seguinte. Quando acontece, você pede a restauração de autos, junta as peças que você tem. Comunica a OAB. Isso acontece, e infelizmente aconteceu com você”. E eu fui então à OAB. Na época o Presidente da OAB era o Maurício Corrêa. Me atendeu muito bem. Compreendeu minha angústia, meu drama e disse: “Não, você faz um comunicado para mim e requer à Juíza a restauração de autos”. E assim eu fiz e fui despachar o pedido de restauração de autos juntando todas as cópias que eu tinha conseguido tirar do processo. Bem, a juíza me recebeu muito mal. Quando eu falei que tinha perdido o processo ela disse que eu estava achando que ela tinha cara de palhaça, que aquilo não podia ficar de graça, que eu tinha feito tudo para impedir a conclusão e a finalização do processo, e que agora estava ali mais uma vez com aquela artimanha para tentar obter a soltura do réu.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Mas que coisa.

### **Desembargador George Lopes Leite**

É. E me tratou muito mal. Disse: “O senhor vai se arrependar amargamente. Não se faz isso com a justiça. O senhor está tisanando a grandeza da justiça.” E eu saí dali humilhado, chateado. Aquela justiça que eu via acima das pessoas. Aura de bondade, de generosidade, de sabedoria, de comedimento, de compreensão das dores humanas, não é? De repente fui vítima de uma grave injustiça. Assim, talvez um preconceito

que às vezes se tem com determinadas classes de profissionais, advogados porta de cadeia desses que fazem qualquer coisa para obter uma prescrição, um excesso de prazo...

### **Desembargador Arnoldo Camanho**

○ que evidentemente não era o caso.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Não era o meu caso. Ela não me conhecia, mas eu já era um advogado de certo renome aqui no Fórum de Brasília. Doze anos de advocacia. Advoguei para duas empresas de transportes coletivos urbano. Era muito conhecido dos juízes. Sempre respeitei todas as pessoas e sempre fui muito respeitado. Mas no Gama eu nunca tinha ido e talvez tenha sido esse o meu azar e também a razão de preconceito que a juíza alimentou ao ver ali um advogado picareta querendo a todo custo soltar o réu. Já tinha feito um pedido de relaxamento de prisão, dois pedidos de habeas corpus. Quer dizer, um advogado lutando pela liberdade de um réu que ela achava que era culpado, não é? Que tinha praticado um crime hediondo da qual perecera uma criança. E ela encontrou em mim este estereótipo que às vezes se faz injustamente contra uma classe de profissionais que nós sabemos, todos, é indispensável à realização da justiça. Mas, enfim, eu fiquei, pela primeira vez na minha vida, decepcionado com a justiça que eu sempre admirava. Não é possível alguém receber uma injustiça dessa, não é? Mas, enfim, passados 30 dias do incidente da perda do processo e da entrega da restauração dos autos, eu recebi um telefonema no meu escritório, do doutor Élcio: “doutor, eu tenho uma grande notícia para você, George, o processo que você perdeu foi encontrado. Um jornalista que fica ali na galeria dos estados acabou de me telefonar e disse que achou o

processo lá em cima, guardou. Esperou que o dono viesse buscar e como não apareceu ninguém ele resolveu folhear e encontrou a petição, a meu pedido, com papel timbrado do escritório dele e aí ligou para ele e o processo foi encontrado, não é? Então eu fiquei muito feliz com isso, fui buscar o processo, e pedi a este jornalista que assinasse uma declaração relatando que só naquela data estava entregando este processo porque ninguém o procurou e não sabia do que é que se tratava. Só quando resolveu folhear o processo é que encontrou um telefone e então estava me devolvendo naquele momento. E isso ele fez com toda a tranquilidade, reconheci a firma e fui entregar o processo. Quando fui entregar o processo, aí vem minha outra grande surpresa – não é? – desagradável. O diretor de secretaria, que já me conhecia, porque tinha sido um ex-oficial de justiça. Era o doutor Wilson, não me lembro o sobrenome dele, mas ele era uma figura bem característica, era um moreno alto e tinha um cabelo assim para trás penteado com brilhantina. Aquela época ainda se usava, ou outro produto similar. Talvez um trim, gouxem... (risos). Eu sei que o Wilson me chamou de lado: “doutor, o senhor encontrou o processo, o senhor não sabe a fogueira que o senhor pulou. Olha aqui. Mandado de prisão preventiva.” Eu disse: “rapaz... Wilson, como é que foi isso?” Wilson: “Não, ela conversou, o promotor fez um parecer dizendo que o processo tinha sumido e que você tinha feito de tudo para postergar o julgamento deste processo. E ele no final pediu a prisão preventiva, para ver se o processo aparecia e ela decretou, está aqui o mandado de prisão. Doutor, eu até devia chamar a polícia agora e levar você. Mas eu conheço o senhor, sei que você é uma pessoa de bem. Então vai, eu vou despachar com ela. Depois, qualquer coisa o senhor me liga amanhã que eu vejo.” Tudo

bem, fui embora, surpreendido, ainda atônito. Mandado de prisão assinado por uma juíza. Por imperativo de ordem pública, eu estava sendo... eu seria preso... eu teria que ser preso. Mas não cheguei a ser preso não, certo? O fato é que...

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Ela revogou depois?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Aí Arnaldo (risos). A revogação... a emenda foi pior do que o soneto. Porque ela tinha decretado a prisão preventiva já foi uma coisa terrível.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Horrível.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Mas na hora em que eu achei o processo e que devolvi o processo, ela despachou mais ou menos assim: "bastou decretar a prisão preventiva do indigitado advogado, eis que como por milagre reaparece os autos do cenário da farsa".

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Do cenário da farsa?

### **Desembargador George Lopes Leite**

"...do cenário da farsa. O crime é grave. É um crime contra a própria

justiça que já anda tão aviltada nestes tempos difíceis". Ora, se naqueles tempos era difícil, imagina agora que nós somos os protagonistas, a bola da vez, não é? Dentro da formação do Estado Democrático de Direito, agora é que o Judiciário está surgindo com toda a sua grandeza, não é? Então, mas naquela época já se sentia alguma dificuldade. E ela disse assim: "já tão aviltada nestes tempos que correm. Todavia, como o decreto de prisão produziu salutar efeito de fazer ressurgir das cinzas esta fênix renascida, revogo o decreto de prisão. Todavia, subsistem indícios de crimes igualmente graves – sonegação de autos e formação de quadrilha. Por isso, determino que se requisite à 14ª D.P. (Delegacia de Polícia) a abertura de inquérito contra o advogado George Lopes Leite, Élson Crisóstomo, o outro colega do Élson, que eu nem sei o nome, que nem sabia o que estava acontecendo." E o quarto elemento para constituir e compor a quadrilha seria quem?

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Precisava de quatro... o cara da banca.

### **Desembargador George Lopes Leite**

O jornalista. Foram os quatro. Bem, este fato, lá no ambiente do meu trabalho, repercutiu muito – os colegas, não é? – sentiram muito, o doutor Reginaldo, que então falou com o pai dele, comentou com o pai dele. E o pai dele, doutor Sebastião Oscar de Castro, o Sebinha ficou indignado: "É um absurdo que uma juíza aqui em Brasília mande prender um advogado porque esqueceu os autos de um processo numa banca de jornal." E foi, me procurou e disse: "Eu vou fazer a sua defesa. Eu faço questão." Fez um habeas corpus em linguagem candente, embora respeitosa, mas lá pelas tantas ele disse

assim: “juíza de priscas eras que via na prisão do réu uma forma de obrigá-lo a confessar o crime. Isso é inadmissível no Estado Moderno de Direito e tal...” Ela realmente ficou muito agastada com isso, não é? E veio... Bem, foi uma coisa muito desagradável. O tribunal negou o habeas corpus. O habeas corpus era para trancamento do inquérito. E evidentemente o que prevaleceu foi que há indícios de crime, da materialidade do crime e de indícios de autoria. Há prova da materialidade do crime e de indícios de autoria, portanto só pode ser convenientemente solvido depois da instrução. Então prossiga-se com o processo. Bem, naquela época não havia o STJ, não havia... O recurso cabível era o recurso extraordinário em habeas corpus. Foi para o Supremo. E o Supremo durante... demorou uns três ou quatro meses, julgou, finalmente, decretando o arquivamento deste inquérito. Mas enquanto isso, eu o Dr. Élson, o colega dele e o coitado do Alexandre, o jornalista, fomos obrigados a ir até a delegacia do Gama, prestar depoimentos, prestar esclarecimentos, sobre um fato que todos sabíamos ali quão injusto era aquilo, não é?

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E isso atrapalhou os dois concursos? Ou não? Porque tem que pegar certidão negativa...

### **Desembargador George Lopes Leite**

Não, não porque ficou ainda na fase de inquérito. O inquérito foi trancado no Supremo Tribunal Federal. Não atrapalhou absolutamente em nada. As pessoas que... a banca do concurso talvez tivesse tomado conhecimento. Não é possível, porque os componentes da banca eram também desembargadores da área criminal. Doutor Paulo Garcia<sup>12</sup>, por exemplo. Era um dos examinadores e sempre

me tratou com muita lhaneza. Nunca ninguém me questionou sobre isso. Eu sei que...

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Mas foi esse fato que te entusiasmou?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Não. É... durante um ano eu amaldiçoei a Justiça, não é? Digo, é um absurdo que alguém possa sofrer essa pecha infamante de ter contra si uma prisão preventiva por um fato corriqueiro da vida. Para mim é assim. Na visão da juíza eu era um sujeito perigoso cuja liberdade afronta a ordem pública. Essa foi a justificativa, não é? Por imperativo de ordem pública, então ela me enxergou dessa maneira e eu me senti extremamente injustiçado. Indignei-me com aquilo. Comentei com os meus amigos: “Justiça é uma droga”. E fiquei realmente muito magoado. Depois que o Supremo Tribunal Federal arquivou o processo, eu ainda estava me sentindo aviltado. Eu precisava de alguma maneira dar uma resposta ao tribunal sobre o que tinha acontecido. E aí foi quando eu resolvi, disse: “vou fazer o concurso de juiz”. Primeiro eu pensei, para mostrar para ela que eu não sou o criminoso que ela imaginou que fosse. E vou me esforçar para que nenhum cidadão brasileiro, brasileiro, sofra as angústias, as dores – não é? – do que eu sofri durante esse ano.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Para você vê como é que essa juíza foi importante na sua vida. Sob este aspecto.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Sim. Eu compreendo perfeitamente que ela não

fez aquilo porque não gostava de mim. Ela simplesmente me colocou dentro de um estereótipo. É isso que eu sempre... O grande desafio do juiz é justamente se desvestir dos seus pré-condicionantes, dos seus pré-conceitos, das suas idéias pré-concebidas, para tratar cada caso como um caso novo, diferente, com todas as nuances próprias da humanidade. Cada caso – não é? – nós não temos um caso igual ao outro. Na área criminal, nós sabemos disso, cada caso é um caso. A pessoa, é... um crime de homicídio, um crime de roubo, estupro... cada um deles tem suas pinturas, suas tinturas...

### **Desembargador Antoninho Lopes**

Conta para a gente essa sua trajetória na magistratura. Todos aqui conhecemos, mas queremos registrar.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Bem, então, como eu disse, fiz os dois concursos. Fui aprovado em todos os dois. Procuradoria do GDF, que saiu primeiro. Ainda cheguei a exercer em três meses depois vim para o tribunal em agosto de 1988. E aqui eu sonhava... eu fui oriundo da Caesb e o trabalho nosso era a despoluição do Lago Paranoá, que nós defendemos a licitação feita na época. Que foi, aliás, a primeira ação civil pública de Brasília foi contra a Caesb, contra o tratamento terciário de esgotos, não é? Brasília, para quem não sabe, em 1978, houve um fenômeno de reversão climática, o lago simplesmente apodreceu porque cresceu demais as algas. Isso provocou a mortandade de peixes. Aquilo ali ficou em um

estado de putrefação que ninguém passava pela ponte. E só tinha a ponte do (centro comercial) Gilberto Salomão. E aquelas pessoas que moravam ali nas redondezas, todas elas se mudaram temporariamente para hotéis em Sobradinho, Planaltina, em outros locais da cidade porque era impossível de conviver com a fedentina. O (jornal) Correio Braziliense publicou várias manchetes, não é? "Geografia da putrefação", "dois quilômetros..." Era uma coisa muito... "O dia em que o lago fedeu". Então isso tinha acontecido porque as estações de tratamento de esgoto só cuidavam de separar os afluentes sólidos do líquido e colocava um produto aí para diminuir o mau cheiro, mas as águas eram jogadas no lago, enriquecidas com NPK – nitrogênio, fósforo e potássio – que são a matéria prima das plantas, da fotossíntese. Então isso provocou a proliferação exagerada de algas, e depois a mortandade dos peixes. É um fenômeno interessante. Então a Caesb desenvolveu um programa... Então eu era um apaixonado pelas questões ambientais. O nosso lago... a Caesb desenvolveu um projeto ao longo de 10 anos, inclusive em parceria com cientistas da África do Sul, onde tinha um lago que tinha tido esse mesmo problema e lá eles conseguiram resolver com esse tratamento terciário, que é só tratar de separar o NPK, não permitir que o NPK seja jogado in natura dentro dos esgotos, porque isso provoca realmente a exagerada proliferação de todas as plantas aquáticas. Então foi um projeto desenvolvido de alta tecnologia, uma tecnologia completamente nova, inovadora, e como toda coisa inovadora, caiu na alça de mira da Secretaria de Meio Ambiente, que foi criada naquela época, e o seu primeiro titular tinha outra solução para aquilo, que era a construção de um emissário submarino para lançar os afluentes na Bacia do (rio) Corumbá, não é? E a Caesb

optou por este projeto e ele achava que tinha havido alguma coisa... que tinha sido uma licitação fraudada... e convenceu também a recém criada Procuradoria do Meio Ambiente para ajuizar essa ação civil pública, que foi julgada assim, a liminar, era paralisar todas as obras. Os canteiros de obras estavam preparados e as duas construtoras: Andrades Gutierrez e (Grupo) Serveng, já estavam com as máquinas prontas. Já tinham iniciado os trabalhos, de terraplanagem, tudo. E a ação civil pública visava justamente a paralisação destas obras, porque não havia estudos técnicos, não havia relatório de impacto ambiental. Agora, o RIMA<sup>13</sup> tinha sido criado seis meses antes. O processo foi todo desenvolvido em uma época em que a Caesb era responsável pelo controle de poluição das águas. O próprio decreto de criação da Caesb dizia: essas são as finalidades. Então até então éramos nós. Era a Caesb que cuidava do controle de poluição de águas. Esse quadro só veio mudar com a lei ambiental, que criou o RIMA, criou a necessidade do estudo prévio. Mas o processo já tinha deslanchado. E o resultado disso é que eu estava empolgado com as questões de meio ambiente. Loteamento... Fiz parte de controle de loteamentos irregulares. Naquela época, Brasília devia ter uns cem loteamentos irregulares. Hoje são centenas, não é? E aquilo me empolgava. E eu queria ser juiz da Vara da Fazenda Pública para cuidar destes problemas. Eu recebi lições de Hely Lopes Meirelles<sup>14</sup>, diretamente. Nesse trabalho que eu fiz para defender as obras de despoluição do Lago Paranoá, eu tinha contato direto com Hely Lopes Meirelles.

---

13 Relatório de Impacto ao Meio Ambiente.

14 Jurista brasileiro autor de Direito Administrativo Brasileiro, entre outras obras.

## **Desembargador Arnoldo Camanho**

Poxa.

## **Desembargador George Lopes Leite**

Um cientista brasileiro muito famoso na época, Samuel Murgel Branco<sup>15</sup>, veio lá do Rio de Janeiro para nos dar aulas aqui sobre ecossistema, meio ambiente. Aquilo me empolgava, não é? Eu fiz parte, eu gostava das ações da Sobradima – Sociedade Brasileira de Direito do Meio Ambiente. Todo tipo de evento eu estava lá. Então eu queria ser juiz da Vara da Fazenda Pública, ou então, no mínimo, juiz da Vara Cível. Mas, todavia, entretanto, como tudo na minha vida sempre tem um componente de predestinação, não é? Depois de seis ou sete anos sendo juiz, passei apenas trinta dias como auxiliar do juiz Humberto Eustáquio Martins, que era da Vara da Fazenda Pública.

## **Desembargador Antoninho Lopes**

3º Vara (da Fazenda Pública).

## **Desembargador George Lopes Leite**

É. 3º Vara. Mas nunca consegui trabalhar muito... trabalhei 30 dias na área que eu gostaria de ter trabalhado sempre. E aí, depois de sete anos de labuta, quando chegou o momento da promoção – seis anos e pouco – haviam sete varas em disputa no plano piloto: Vara cível, uma vara da fazenda, vara de família e vara de execuções penais, que ninguém queria. Eu era o sétimo classificado na ordem de antiguidade. Então quando chegou

---

15 Professor Samuel Murgel Branco – Especialista internacional em meio ambiente e saneamento ambiental.

a minha vez de escolher, sobrou um “abacaxi” que caiu nas minhas pernas, Vara de Execuções Criminais – VEC. Bem, e ali fiquei cinco anos. Eu diria predestinação. Eu que nunca fui criminalista, simplesmente nunca consegui... o Direito Penal nunca me deixou sossegado. Então, cinco anos como juiz da execução penal, aprendi a ver o problema da criminalidade com ótica diferente. Talvez essa visão que eu tive de conhecer e conversar pessoalmente olho no olho com os piores criminosos daquela época. “Melância”, Geraldo Pereira, “Carrefour”, eram criminosos assim... Roberto Carlos de Fon, conhecido como Algafan, então, o problema da AIDS no presídio. Aquilo ali foi uma imersão total no subterrâneo da nossa sociedade e aprender também a compreender melhor a natureza humana. O bem, o mal. Conheci gente com grande dignidade dentro de uma cadeia. Como vi também pessoas que, praticamente, julgaria irrecuperáveis. E pessoas também que eu julgava que nunca fossem se recuperar e que, de repente, se recuperou, se regenerou...

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

George, eu passo voltar aqui um passinho para trás. Você falou que tomou posse na turma de agosto de 1988 (XIV Concurso da Magistratura do TJDF de 1987-1988). Quem eram os seus colegas?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Jair Soares<sup>16</sup>, Lia Fanuck<sup>17</sup>, Vera Andrighi<sup>18</sup>, Mario-Zam<sup>19</sup>, Ângelo Passareli<sup>20</sup>, Ana Maria<sup>21</sup>, não é?

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

A Beatriz Parrilha<sup>22</sup> foi sua colega também.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Beatriz Parrilha.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

A Beatriz Parrilha, vocês tomaram posse juntos como desembargadores, não foi?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Junto com ela, no mesmo dia.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Isso foi em 2005? Quando foi sua posse como desembargador?

---

16 Desembargador Jair Oliveira Soares.

17 Juíza Lia Celi Fanuck

18 Desembargadora Vera Lúcia Andrighi.

19 Desembargador Mario-Zam Belmiro Rosa.

20 Desembargador Ângelo Canducci Passarelli.

21 Desembargadora Ana Maria Duarte Amarante Brito.

22 Desembargadora Maria Beatriz Parrilha.



**Desembargador George Lopes Leite**

Agora você me pegou (risos).

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Nós estamos aqui preparados para deixar Vossa Excelência em situação complicada (risos).

**Desembargador George Lopes Leite**

Acho que foi em 2005<sup>23</sup>.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Foi no fim do ano, não foi?

**Desembargador George Lopes Leite**

Foi, foi.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Naquela época ainda tinha discurso no momento da posse.

**Desembargador George Lopes Leite**

Sim, sim, teve um discurso.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Eu me lembro do seu discurso.

**Desembargador George Lopes Leite**

Lembra, é?

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Eu me lembro de um pedaço... Foi a primeira vez que eu ouvi no plenário do Tribunal de Justiça. Me corrija se eu estiver errado, você citou uma frase de uma música...

**Desembargador George Lopes Leite**

Do Milton Nascimento.

**Desembargador Arnaldo Camanho**

"Bola de meia, bola de gude". Que você falou, pode falar entre aspas, por favor, a frase?

**Desembargador George Lopes Leite**

"E não posso aceitar sossegado, qualquer sacanagem ser coisa normal".

Que aliás é essa a realidade com que nos defrontamos hoje, não é?

**Desembargador Arnaldo Camanho**

Pois é desembargador. Foi a primeira vez que a gente ouviu a palavra "sacanagem" no Plenário do Tribunal de Justiça (risos). Ninguém falou isso antes e nem depois. Vossa Excelência foi corajoso.

**Desembargador George Lopes Leite**

Ninguém teve coragem de fazer. Porque na verdade eu estava citando Milton Nascimento, não é? Com esse escudo. Se o poeta diz isso, porque eu não posso falar? Mas o que eu queria dizer é exatamente isso. Que nós juízes não podemos tolerar que se tornem banais coisas como essa que nós estamos assistindo. O Brasil se despedaçando, caindo aos pedaços. Onde o poder público põe o dedo parece que se transforma em lama, não é? Nós temos aí a proliferação do (vírus) da Zika, (do vírus)

da dengue, a tragédia (ambiental) de Mariana<sup>24</sup>, a questão da Petrobrás<sup>25</sup>. Tudo isto está interligado. É falta de um Estado que não cuida das suas coisas. Quer dizer, agentes públicos que não tem compromisso com a República, com aquilo que é de todos nós. E isso vai se tornando, infelizmente, quase banal, não é? Coisa que vai se banalizando e a gente vai tolerando. Nós precisamos reagir contra isso. Nós não podemos ver isso dentro de uma normalidade. Isso é uma coisa que precisa realmente ser curada. Um tumor que precisa ser espremido para tirar o que tem de podre, não é? E reconstruir, sobre novas bases, realmente, um Estado, uma nação que nos faça orgulhar de ter nascido brasileiro.

### Desembargador Arnoldo Camanho

Na 2ª Instância, você ficou sempre na área criminal, não foi? Ou passou para o cível?

### Desembargador George Lopes Leite

Sempre na área criminal. Na época da convocação, na verdade, eu estava na Vara de Execuções Criminais (VEC) e começava a ser convocado, ora criminal, ora

24 A mineradora Samarco, uma joint venture da Vale e da anglo-australiana BHP Biliton, responsável pelas barragens que se romperam na cidade mineira de Mariana/MG, em 5 de novembro de 2015, provocando um “mar” de lama (62 milhões de metros cúbicos de lama), a maior tragédia ambiental da história do estado de Minas Gerais até então.

25 Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobrás.

cível. E um dia eu olhei para o meu gabinete e tinha 658 processos do segundo grau de jurisdição. Eu disse: Não, está na ora de eu sair da VEC. Porque a VEC, realmente, foi a época em que eu me senti mais juiz, pela imediatidade, pela questão de que você resolvia as coisas. Falava com as pessoas, não é? O contato pessoal, as comunidades, não é? As entidades sociais lhe procurando... não é? A questão da AIDS. Tratamento de aidéticos. Naquela época era um problema muito sério. Nós só tínhamos um médico que atendia aqui, Dr. Teramuci, aqui na (quadra) 508 da W3 sul, que atendia... mas só casos emergenciais. Vários presos necessitavam de tratamento diferenciado, dieta balanceada, sopa. E sempre deu muitos problemas. Eu me lembro que tinha um preso, apelidado Algan<sup>26</sup>, por causa de drogas, consumo de drogas, que andava com um vidrozinho de mercurômetro pendurado no pescoço com um cordão, cheio de sangue. Se alguém o irritasse ele tirava a tampa e jogava o sangue em cima das pessoas. Então imagine o que é um cidadão, um prisioneiro com essa ameaça constante contra os guardas, contra os agentes penitenciários. Então, realmente, foi um período muito intenso da minha vida, que eu compreendi melhor a natureza humana.

### Desembargador Arnoldo Camanho

Agora me diga uma coisa aqui, se Vossa Excelência me permite. A gente passa um tempão na 1ª Instância como juiz de Direito aprendendo a decidir sozinho. Aí

26 Substância a base de morfina, é um fármaco narcótico de alto poder analgésico usado para aliviar dores severas, produz dependência física e psicológica.

um dia nós todos vamos para o Tribunal. E lá somos uma vizinha só. No seu caso, como é que foi aprender a lidar com isso? A experiência da 2ª Instância, a experiência do colegiado.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Bem, além dessa realidade que você acabou de dizer, eu preciso esclarecer que um juiz de execução penal é um super juiz, porque você modifica até as decisões transitadas em julgado, quando faz o processo de unificação de penas e compreende que três ou quatro, ou cinco condenações que ele tinha ali, na verdade compõem uma continuidade delitiva. Você abaixa de 20 anos para 8, para 9 anos, não é? Então um super juiz. E essa sensação que você resolve tudo. O colegiado... eu tive que fazer um reaprendizado. Primeira lição que eu aprendi com meu guru, Doutor Osório, a lição da humildade. Eu esqueci de falar isso na nossa conversa. Mas com 15 dias que eu estava trabalhando nesse escritório, ainda como estagiário, a minha inscrição era 444-E, o Osório me chamou lá: "Eu queria que você lesse essa petição, George para ver se está boa." Uma petição que ele fez. Depois ele redigia em uma velha máquina Lexicon 80 da Olivetti, e eu fazia datilografia em uma máquina IBM esférica que era o must, topline naquela época. Então ele me pediu. Era uma petição de umas 15 páginas. Uma questão muito complexa, e ele disse assim: "eu quero que você leia e me diga se está bom". E eu disse, Dr. Osório, como é que eu, um estagiário modesto aqui ainda aprendendo o Direito, eu vou ler uma petição que o senhor fez para ver se está boa? Aí ele me disse: "George, é que às vezes como advogado a gente se envolve tanto com a causa, emocionalmente nós nos comprometemos com a causa e as vezes nós transbordamos dos limites e falamos coisas que não têm nada a ver. Então a pessoa que está de fora como você, lê pela

primeira vez... Eu quero saber se é inteligível, se a mensagem está dada. Porque nem sempre aquilo que está no papel é aquilo que a gente quis dizer. Nesse sentido, você não tema. Toda a vez que eu lhe entregar por favor leia com olhar crítico. E se tiver alguma coisa errada, me avise. Porque o máximo que vai acontecer é eu dizer, não, eu vou lhe esclarecer. Vai servir para o seu aprendizado. Ou então vou reconhecer que a passagem está meio obscura, está ambígua, vou melhorar a redação. Então é isso que a gente aprende. Essa velha lição. Nós temos o juiz monocrático<sup>27</sup> tem aquela, é... um poder imenso. Eu digo que as vezes saem raios dos nossos dedos que fulminam, matam esperanças, fulminam pessoas, separam famílias. É muito grave as decisões de um juiz. E nós podemos errar, como errou aquela juíza que decretou minha prisão preventiva, não é? Então é preciso ter a certeza de que o sistema é falível, porque em sua base está o homem. E o homem é, naturalmente, falível. Então é necessário que haja essa instância revisora que possa reapreciar os nossos erros. É muito ruim para o juiz dar uma sentença crendo que fez uma coisa espetacular, fez o bem, e de repente o tribunal reforma aquela sentença dizendo que houve uma injustiça muito grande. É sempre difícil para o juiz. A gente se aborrece com o advogado que conseguiu derrotar a nossa tese. Ou se aborrece com o promotor. Mas a gente tem que compreender que tudo isso faz parte de um sistema que é bolado, pensado, idealizado para proteger o homem contra as infinitas possibilidades de opressão por parte de um Estado que é grande, poderoso, não é? E o homem não é nada diante disso. Como eu experimentei na própria pele. Depois de 12 anos como advogado já

---

<sup>27</sup> Juiz da 1ª Instância.

com uma situação razoavelmente estabilizada, com uma boa clientela, uma juíza chega e me decreta uma prisão preventiva, como se isso fosse uma coisa normal, não é? É um poder terrível, e a gente tem que saber: se há alguém que possa cometer um erro judiciário dessa maneira, levar para a cadeia um inocente, então é necessário que haja todo um sistema de proteção do indivíduo por parte do Estado. Então esse é o verdadeiro papel dos juízes.

### **Desembargador Arnoldo Camanho**

George, e ao lado da carreira na magistratura, você também tem uma carreira bem sucedida no magistério. Como professor de direito penal ou processo penal ou as duas coisas. Como é que começou isso? Você sentiu o chamado do magistério?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Na verdade, na execução penal, não é? Na execução penal eu comecei a ver o resultado da doutrina e da jurisprudência penal na vida, o impacto disso na vida das pessoas, na vida das famílias, não é? E eu cheguei à conclusão de que eu tinha alguma coisa, uma visão diferente do direito penal. Direito penal humanitário, direito penal centrado na figura do homem. Relembrando as velhas lições de Nélson Hungria<sup>28</sup>. O réu. A postura reverencial

**28** Nélson Hungria Guimarães Hoffbauer foi um dos mais importantes penalistas brasileiros, com diversas obras publicadas ao longo da vida. Nascido em 16/05/1891, Além Paraíba, MG, e faleceu em 26 de março de 1969 no Rio de Janeiro/RJ.

que se deve ter diante de todo réu. Não por causa dele, mas pela dignidade do ser humano, porque é uma pessoa como outra qualquer, não é? Então a gente precisa respeitar o homem em sua inteireza, na sua integridade, na sua dignidade, a sua condição humana. E essa visão eu vi que não é bem a visão corrente, não é? E aí eu comecei a achar que eu deveria ir para a sala de aula para ensinar alguma coisa daquilo que eu tinha passado, daquilo que eu tinha sofrido, da minha vivência do direito penal, dessa visão mais humanitária do direito penal. Porque eu acho que é muito simples você julgar e condenar o sujeito até mesmo pelo que a gente vê no jornal. Quando chega o caso, a gente já tem uma predisposição... Não, nós precisamos, como eu disse, nos desvestir dos nossos pré-condicionantes. Pré-condicionantes culturais, geográficos, da nossa criação, da nossa vivência, da nossa visão de mundo, não é? Aqui o juiz tem que ser aquele juiz que ele idealizava. Acético, acima do bem e do mal. Capaz de, dentro do desencadear das paixões humanas, ter uma palavra serena, sábia, justa e legal para resolver os conflitos de interesse.

### **Desembargador Arnoldo Camanho**

É isso. Antoninho, quer...?

### **Desembargador Antoninho Lopes**

Eu quero só dizer que agora nós temos menos de dez (minutos). Embaraço a parte, o professor não deixou margem para nada... talvez alguma coisa das turmas, o trabalho das turmas, do colegiado?

### **Desembargador George Lopes Leite**

Pois é. O colegiado é assim.  
Relembrando

as lições da humildade. Saber que você pode estar errado, não é? Dentro de um colegiado eu tenho um relator, um revisor, um vogal. E às vezes é a visão do vogal que vai de encontro àqueles que já conhecem o processo e traz – não é? – o sopro vivificante do direito, não é? Uma visão diferenciada, não é? Então eu acho que a gente tem que ter essa sabedoria, e a consciência de que, sendo falíveis, nós podemos interpretar erradamente uma prova. Nós podemos nos sensibilizar por um argumento do Ministério Público que talvez não seja o melhor. Ou por um argumento da defesa que também pode não ser o melhor. Na verdade de todos os protagonistas do processo, o único que tem compromisso com a busca da verdade real e com a realização da justiça é o juiz. O promotor, dentro da sua visão, precisa fazer sua acusação. Então ele vai nos convencer de que o réu é culpado. A defesa, por seu turno, só tem uma verdade. A verdade que beneficia o seu constituinte, não é? Se tiver algum fato relevante que possa levar à condenação do réu e ele estiver no seu alcance, ele não vai mostrar. Ele vai esconder. Então só o juiz é que tem esse compromisso, não é? De enfrentar dois litigantes e escolher onde está a verdade. Então nessa avaliação, às vezes erra. Então é muito bom, é muito salutar que a gente possa compartilhar dessa angústia do julgamento com outras pessoas, onde vai prevalecer o julgamento da maioria, que é sempre um julgamento mais sábio, mais ponderado, não é? Onde as idéias contrapostas se... Nem sempre, digamos assim, ao fim e ao cabo, nós temos a justiça realizada. Porque a justiça é cega, não é? Às vezes resulta em uma injustiça. Que Deus nos perdoe pelas injustiças que nós cometemos. Mas nenhum juiz pode dizer que jamais cometeu uma injustiça na vida.

### **Desembargador Arnoldo Camanho**

George, caminhando já para o fim, eu tenho certeza que pela importância do entrevistado, esta entrevista será vista e revista por muitas vezes, por muitas pessoas. Que recado você deixaria para as gerações futuras de colegas que ainda vão entrar. As que estão agora começando a magistratura e que vêm na sua pessoa um líder, um norte, um homem inspirador pelas suas idéias, por tudo que você contou aqui para nós?

### **Desembargador George Lopes Leite**

A grande lição é a humildade e manter sempre as suas antenas abertas para captar tudo o que for possível na área do conhecimento. Quanto mais conhecimento tiver, mais vontade terá de aprender e melhor capacitado estará para julgar as questões postas na mesa. E nunca esquecer – não é? – da humildade. Eu poderia sintetizar na lição inextinguível do Ruy Barbosa<sup>29</sup>, agora estou vendo a estátua dele ali, o busto. Ele dizia para os alunos: “Para não arrefecer-lhes, imagineis que podeis aprender tudo. Para não presumirdes, nunca vos esqueçais que, por mais que o saibais, nunca chegareis a saber tudo”. Então, eu diria, é uma nova linguagem do (filósofo grego, 399 a.C.) Sócrates, não é? A humildade diante do conhecimento. Quando o Sócrates entrou no recinto onde estavam os discípulos, um dos puxa-sacos assim: “Eis que entra neste recinto um mestre, um sábio”. Ele disse: “Não, eu não

---

**29** Ruy Barbosa de Oliveira foi um polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador, nascido em 05/11/1849, Salvador/BA, e faleceu em 1º/03/1923, Petrópolis/RJ. (fonte Wikipédia)

sou sábio. Eu sou um philosophos. Philo: afinidade, amor. Sophos: saber, sabedoria. Sou um amante da sabedoria". É assim que a gente se capacita para ser juízes melhores. E é isso que a sociedade precisa, não é? Numa época dessa em que nós temos tantos maus exemplos dos homens públicos, o juiz sobra como a última esperança das pessoas na chama da justiça. Então nós precisamos desenvolver esta idéia. Nós somos cidadãos quer precisamos ser modelos para todos. Isso exige de nós integridade, conhecimento, generosidade, abnegação e compreensão da natureza humana.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Desembargador George, para nós, tenho certeza, foi uma honra e um privilégio, eu já tinha falado isso.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Os entrevistadores é que fizeram. Vocês é que me instigaram...

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

E eu tenho certeza, no meu currículo, pelo menos, vai constar que eu fiz essa entrevista e isso vai botar uma estrelinha a mais no meu currículo, tão importante.

### **Desembargador George Lopes Leite**

Paulista é mais comedido, mas o carioca sempre está ali, não é... Eu que agradeço a vocês a oportunidade. Foi muito agradável conversar com vocês. É sempre bom trocar idéias.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

Enquanto nós vamos falando vai subindo os créditos, não é? Aquelas letrinhas... Depois a produção vai fazer.

### **Desembargador George Lopes Leite**

E aproveitar, por último, para enaltecer mais uma vez a iniciativa da Desembargadora Carmelita que, em boa hora – não é? – trouxe de volta essa coisa tão importante que é a nossa história.

### **Desembargador Arnaldo Camanho**

○ registro escrito desse espaço tão importante. Muito bem.

◀fim▶

**DATA DA ENTREVISTA**

25/01/2016

**LOCAL**

Brasília-DF

**ENTREVISTADO**

Desembargador George Lopes Leite

**ENTREVISTADORES**

Desembargador Arnaldo Camanho

Desembargador Antoninho Lopes

**TRANSCRIÇÃO**

Celso Mendes Lobato – SERAMI

**REVISÃO**

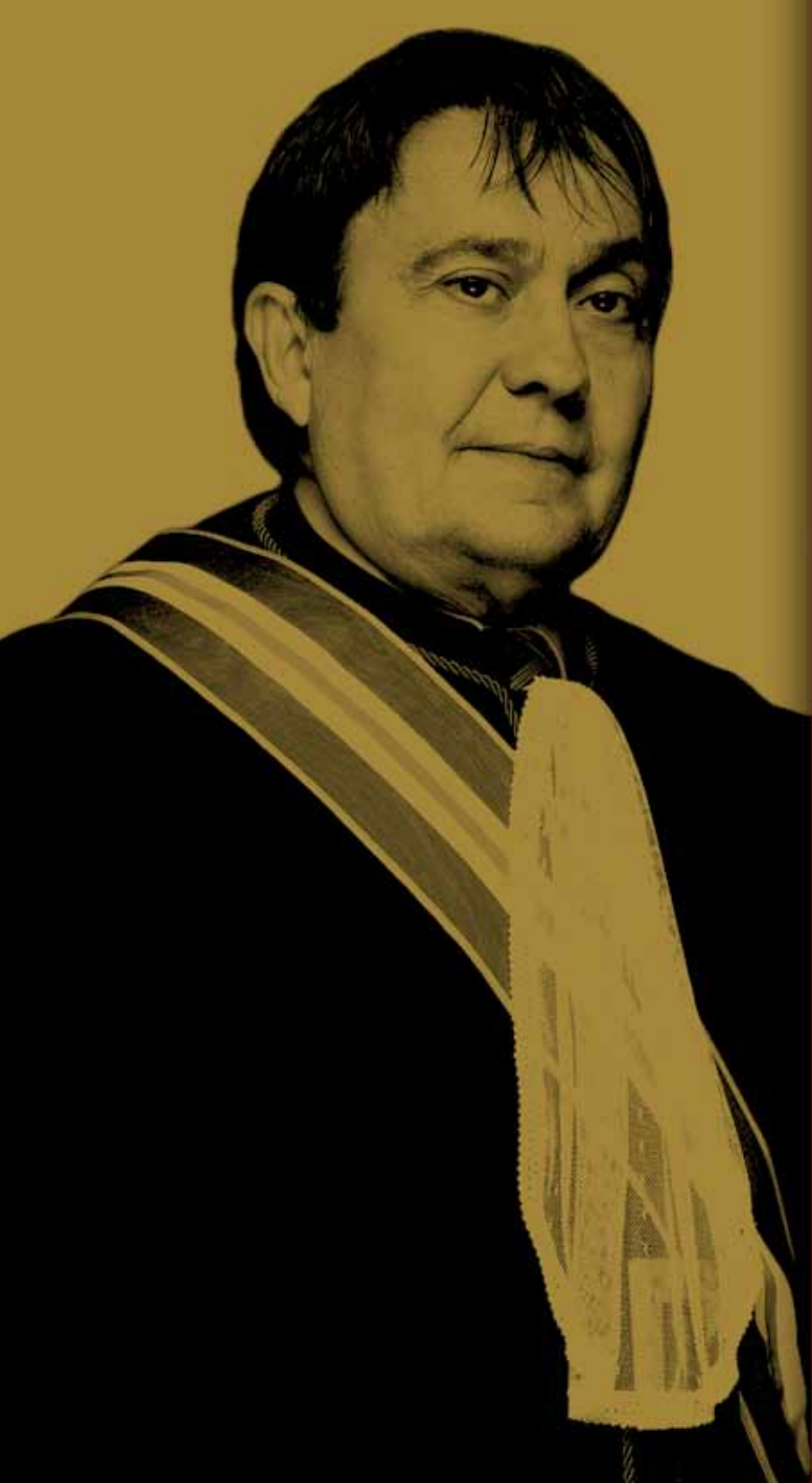
Virgínia Reis da Costa – SERAMI

**PROJETO GRÁFICO**

Diego Vilani Morosino – ACS

**DIAGRAMAÇÃO**

Roberta Bontempo Lima – ACS



PROGRAMA  
**HISTÓRIA  
ORAL**

---

DESEMBARGADOR  
GEORGE LOPES LEITE

**SERAMI**

Serviço de Apoio à  
Memória Institucional

**SEGD**

Secretaria de Gestão  
Documental

**PVP**

Primeira  
Vice-Presidência

TRIBUNAL DE JUSTIÇA  
DO DISTRITO FEDERAL  
E DOS TERRITÓRIOS

**TJDFT**